

# A pandemia no Brasil: atos de dizer e fazer do governo federal

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i2.3312>

**Luciane de Paula<sup>1</sup>**  
**Rafael Junior de Oliveira<sup>2</sup>**

## Resumo

Neste trabalho, propõe-se uma análise de dois pronunciamentos oficiais do presidente do Brasil (2020-2021) sobre a condução do país durante a pandemia. O objetivo principal é analisar quais concepções do governo federal, com relação à pandemia, têm se modificado e quais se encontram mantidas. Este artigo se fundamenta nos estudos bakhtinianos, especialmente nas concepções de diálogo, reflexo e refração, sujeito e enunciado. A pesquisa, qualitativa e interpretativa, utiliza a metodologia dialético-dialógica. Os resultados apontam para uma oscilação entre repetição, mudança sutil e mudança substancial de posicionamento, o que compõe três estratégias discursivas do governo federal com relação à pandemia: o falseamento (de dados, recomendações e práticas), a minimização (da doença e da crise nacional generalizada) e a aparente perda (falta de organização), que revelam o projeto e a prática eugenista institucional em curso.

**Palavras-chave:** Círculo de Bakhtin; política brasileira; pandemia; verbivocovisualidade.

---

1 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil; [lucianedepaula1@gmail.com](mailto:lucianedepaula1@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0003-1727-0376>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil; [rafael.j.oliveira@unesp.br](mailto:rafael.j.oliveira@unesp.br); <https://orcid.org/0000-0002-1353-1172>

# The pandemic in Brazil: acts of saying and doing by the federal government

## Abstract

In this paper, we propose to analyze two official speeches from the President of Brazil (2020-2021) about the coronavirus pandemic issue. The main aim is to analyze which government conceptions about the pandemic state have been modified and which ones stayed unchanged. The present study is settled in Bakhtin's theory, specifically in the concepts of dialogue, reflection and refraction, subject, and utterance. Moreover, our scientific research is qualitative and interpretative, based on dialectic-dialogic methodology. The results point out to an oscillation between repetition, slight change, and substantial change of point of view, which results in three discursive strategies related to the pandemic: the falsification (of data, recommendations, and practices), the neglect (of the disease and the national crisis), and the seeming loss (lack of organization), aspects that confirm an ongoing institutional project and practice of necropolitics.

**Keywords:** Bakhtin's Circle; Brazilian politics; pandemic; verbivocovisual utterance.

## Considerações iniciais

A pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19) modificou diferentes relações desde sua chegada, em 2020. O *modus vivendi* e *operandi* de vida mudou, pois atos (BAKHTIN, 2010) de aglomerações ou contato físico precisaram ser reelaborados diante das novas condições impostas pelo modo de transmissão do vírus. Uma pandemia se instaurou no mundo e o isolamento social se instalou como "novo normal". Diante disso, governantes ao redor do globo, muitos embasados em estudos científicos, implementaram diferentes medidas para controle pré, durante e pós infecção. Apesar de cada um fazer tal ação dentro das condições sociais e econômicas de seu país, medidas de higienização e de proteção sanitárias (como desinfecção das mãos, uso de máscara, distanciamento social e paralisação das atividades presenciais não essenciais – que ficou conhecida pelo termo em inglês *lockdown* – recomendadas pelos infectologistas) foram tomadas por muitos governantes como estratégia e prática ética política de gestão em prol da vida.

Neste trabalho, propõe-se a análise verbivocovisual (tal qual entendida a linguagem por PAULA, 2017; PAULA; SERNI, 2017; PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2021a, 2021b) de dois pronunciamentos oficiais do presidente do Brasil: um feito em 2020 e outro em 2021, aproximadamente um ano depois – sobre a condução do país nesse período de pandemia, em cotejo com outros enunciados, do próprio governo e dos meios de comunicação. Assim, o objetivo principal desta reflexão é analisar a estrutura discursiva do dizer-fazer do governo federal com relação à pandemia provocada pelo

vírus SARS-CoV-2, ao se considerar o que tem se modificado (devido a motivos eleitorais) e quais estratégias se encontram mantidas. O objetivo específico é compreender como esse processo de dizer-fazer se compõe de forma ambivalente nos pronunciamentos analisados neste trabalho.

Esta proposta se justifica pela relevância social de se analisar a linguagem na esfera e no jogo político, nesse caso, no seu uso para validar vidas e mortes humanas, a depender do interesse. A hipótese é a de que estratégias discursivas de utilização reiterada de informações falsas nas declarações presidenciais colaboram com e sustentam uma necropolítica (PAULA; SIANI, 2020), com traços eugenistas (PAULA; LOPES, 2020).

O pressuposto é o de que o dizer-fazer oficial verbivocovisual (pausas, paráfrases e contraposições, entonação, vestuário, cores, foco, tomada de câmera etc.) do sujeito-presidente se constitui de forma contrária-contraditória entre promessas a seus eleitores (afinal, o presidente nunca abandonou o discurso e a postura de campanha) e políticas de Estado (de um agente que deve governar para toda a nação, em conjunto com outros poderes e não apenas de acordo com suas vontades), o que nem sempre coaduna.

Este estudo se fundamenta nos pressupostos de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov, especialmente nas concepções de diálogo, reflexo e refração, sujeito e enunciado. Estruturalmente, num primeiro momento, parte-se dos procedimentos metodológicos em conjunto com a fundamentação teórica que embasa as reflexões realizadas. No item seguinte, adentra-se na análise dos enunciados, de maneira situada e integral, a partir de elementos das três dimensões que o constituem (a verbal, a vocal e a visual).

A escolha desse percurso ocorreu pela relevância da apresentação do *corpus* junto com a análise, calcada em critérios metodológicos basilares e fundamentada pela teoria que ancora a discussão dos enunciados em suas diferentes materialidades, uma vez que essa amarração ocorre simultaneamente. Dessa forma, a composição reflexiva é apresentada por meio de uma escrita dialógica.

## **Procedimentos teórico-metodológicos**

Esta pesquisa, qualitativa e interpretativa, utiliza a metodologia dialético-dialógica (PAULA, L.; FIGUEIREDO; PAULA, S., 2011), amparada pelo cotejo, na acepção bakhtiniana do termo.

O *corpus* de análise deste artigo é composto por dois pronunciamentos do governo federal brasileiro sobre suas estratégias de combate à pandemia de COVID-19, gravados e transmitidos pelo canal do Planalto no YouTube. Uma dessas declarações foi veiculada em 24/03/2020 e a outra em 23/03/2021. A delimitação do objeto foi realizada ao levar em conta o conjunto de quatro critérios interseccionados:

1. Temático: pronunciamentos do sujeito-presidente sobre a pandemia de coronavírus;
2. Espaço-temporal: aproximadamente um ano de intervalo entre os pronunciamentos, realizados no mesmo local (sala oficial do planalto) e com a mesma infraestrutura de produção (cenário, por exemplo);
3. Meio de transmissão: apesar dos pronunciamentos terem sido transmitidos por diversos meios de comunicação, governamentais e não governamentais, em rede nacional, concomitantemente (de forma síncrona) e assincronamente, ambos se encontram disponíveis no mesmo canal do governo federal no YouTube, que serviu de fonte para a pesquisa, tendo em vista a oficialidade e a abrangência das declarações;
4. Quantitativo: dois vídeos, transmitidos em anos diferentes, no mesmo período e local, sobre a mesma temática, advindos da mesma autoridade (representante máximo da nação).

Os primeiros levantamentos relacionados aos vídeos foram:

. Quanto ao primeiro, de 24/03/2020:

- 1) duração de 5min13seg;
- 2) nove cortes de cenas; e
- 3) foco parcial entre plano de fundo e cena.

Além disso, por meio de um fotograma submetido ao *software* Adobe Color (2020), a extração cromática do enunciado identificou a presença temática de cores<sup>3</sup> quentes (amarelo, tom de rosa e de marrom) e frias (azul e verde), com predominância das frias, quase todas relacionadas à bandeira brasileira, conforme Figura 1<sup>4</sup>:

---

3 Para a extração cromática, além do Adobe Color, foram utilizados também os programas Canva e Colordot. Para a interpretação cromática, a fundamentação se calçou nos estudos de Goethe (2013), Guimarães (2001), Haynes (2008), Heller (2013) e Kandinsky (1970).

4 As figuras 1 e 2 foram obtidas por meio da seleção de um fotograma dos vídeos para submeter o arquivo ao procedimento feito pelo programa, que verifica as cores temáticas presentes e fornece o gradiente da figura. Esse recurso é útil para encontrar as especificidades das cores e da iluminação de cada enunciado.

**Figura 1.** Escala cromática do pronunciamento 1, de 24/03/2020



**Fonte:** Bolsonaro (2020, 00:02:04)<sup>5</sup>. Elaboração própria

. Quanto ao segundo pronunciamento de 23/03/2021, destaca-se:

- 1) duração de 3min50seg;
- 2) cinco cortes;
- 3) foco no primeiro plano; e
- 4) iluminação frontal e superior.

A iluminação é um dos elementos que modifica a estética facial do personagem, visível a olho nu (Figura 2), em comparação com o primeiro pronunciamento.

**Figura 2:** Escala cromática do pronunciamento 2, de 23/03/2021



**Fonte:** Bolsonaro (2021, 00:00:31). Elaboração própria

5 A subdivisão hora, minuto e segundo demarca os recortes feitos nos dois vídeos.

Os dois fotogramas foram escolhidos por se referirem, respectivamente, aos primeiros recortes de cada vídeo, com vistas a identificar os elementos verbivocovisuais que constituem a narração do governo acerca de sua atuação na pandemia. Além disso, todos os enunciados, um de cada ano, serão apresentados em fotogramas de 1:1 (i.e.: cada fotograma com intervalo de um segundo), na quantidade de três fotogramas por enunciado. O objetivo é deixar a análise ilustrativa e facilitar a retomada de determinados elementos verbivocovisuais.

Nesta escrita, o foco interpretativo se centra nas cores, no posicionamento e no foco da câmera, uma vez que se trata de um vídeo com pouca movimentação, ainda que com alterações significativas nas três dimensões (verbal, vocal e visual) que o constituem, visto que pausas, entoações prosódico-discursivas e escolhas lexicais constroem, junto com os elementos visuais mencionados, o projeto de dizer verbivocal valorativo dos vídeos.

A conexão entre as três dimensões, constitutivas e inseparáveis no ato concreto, se estabelece com base no que Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2021a, 2021b) identificam na teoria bakhtiniana como apontamentos propositivos que consideram o processo plural da constituição signica interativa que produz sentidos pelos e entre os sujeitos, no pequeno e no grande tempo da cultura. Esse processo plural é organizado por meio de um projeto de dizer elaborado e concretizado por um autor-criador (BAKHTIN, 2011), por meio de uma unidade arquitetônica genérica, que se concretiza em enunciados relativamente estáveis<sup>6</sup>, como apontam Bakhtin (2016) e Medviédev (2012)<sup>7</sup>. A articulação enunciativa envolve, via *distanciamento* (BAKHTIN, 2011), os sujeitos (eu-outro) constituídos numa relação de alteridade que retoma e, ao mesmo tempo, antecipa respostas, ao semiotizar posições no mundo. Esse encadeamento responsivo caracteriza o enunciado (VOLOCHÍNOV, 2013) como elo, de maneira singular, pois é marcado (o enunciado) pela assinatura estilística (BAKHTIN, 2015) do sujeito de dizer-fazer<sup>8</sup>.

A atuação dos sujeitos na concretização desses projetos de dizer se realiza em diferentes graus de consciência, haja vista a diversidade de possibilidades genéricas e enunciativas

---

6 Afinal, “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016, p.12, grifo do autor).

7 Segundo Medviédev (2012, p. 193), “uma obra só se torna real quando toma a forma de determinado gênero.”

8 Com base em Bakhtin (2010), o ato discursivo (de linguagem) não se caracteriza apenas como um ato de dizer, mas também como um ato de fazer, uma vez que os atos de fala são geradores de ações, como é o caso do ato ilocucionário, mas não só dele. Ao se voltar ao ato ético, apartado da moral, o filósofo russo se refere às construções de verdades pragmáticas (*pravda*), que pressupõem esse binômio (dizer-fazer).

para esses projetos e o embate de forças (centrípetas e centrífugas – VOLÓCHINOV, 2017) exercido num tempo-espaço (BAKHTIN, 2018) que as situa.

Tal concretização manifesta uma dada consciência, logo a consciência se constitui e se expressa por meio de uma materialidade (verbal, vocal/sonora, visual ou em síncrese) na relação entre sujeitos. Esse entendimento está de acordo com Volóchinov (2017, p. 212), que disserta que “[...] a consciência como uma expressão material organizada (no material ideológico da palavra, do signo, do desenho, das tintas, do som musical etc.) é um fato objetivo e uma enorme força social”. O autor corrobora com o processo constitutivo entre externo e interno, ao complementar ainda que:

[...] a força da consciência está na sua encarnação em determinadas organizações sociais e na sua fixação em expressões ideológicas estáveis (ciência, arte e assim por diante), porém ela já era um pequeno acontecimento social, e não um ato individual interior, na forma primária vaga, de um pensamento e uma vivência instantâneos. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 212).

Tanto Bakhtin quanto Medviédev e ainda Volóchinov demonstram, cada qual com seus objetivos, que o processo de interação, realizado pelo projeto de dizer do enunciador, abarca diferentes elementos sógnicos na sua realização. Nesse caso, por se tratar de enunciados explicitamente verbivocovisuais, como visto com as cores e como será explorado com a entoação prosódico-discursiva (verbivocalidade), a proposição teórica escolhida neste trabalho fundamenta os recortes propostos focados, bem como indica um caminho metodológico, já que compreende a tridimensionalidade como constitutiva potencial e/ou concreta (como assumem PAULA, 2017; PAULA; SERNI, 2017; PAULA; LUCIANO, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2021a, 2021b) do enunciado, isto é, indissociável dele, visto seu processo dialógico interno-externo. Além desse sentido, segundo Morson e Emerson (2008, p 506), o termo diálogo apresenta, na teoria bakhtiniana, três acepções:

[1] como uma descrição da linguagem que torna todos os enunciados, por definição, dialógicos; [2] como termo para um tipo específico de enunciado, oposto a outros enunciados, monológicos; e [3] como uma visão do mundo e da verdade (seu conceito global).

Compreender as relações tridimensionais internas-externas do enunciado significa constatar como o processo de reflexão e refração atua nas três dimensões, de maneira dialógica. A cor azul utilizada no primeiro vídeo do sujeito-presidente, por exemplo, apresenta sentidos que vão desde uma representação político-partidária até as emoções dos eleitores (MOÇO, 2019), o que reflete e refrata a interação entre os sujeitos e suas veridictories (que remetem aos atos de dizer-fazer aqui estudados), conforme analisado a seguir, a partir dos vídeos que compõem o objeto desta reflexão.

## Reflexo e refração de sentidos nos pronunciamentos oficiais de Bolsonaro

A presente análise se constitui por meio da identificação de três processos ideológicos materializados na comparação entre os dois discursos do presidente da República do Brasil, aqui elencados como *corpus*, que são ilustrativos de seu *ethos* enunciativo: mudança sutil, drástica (substancial) e repetição. Tais processos são fundamentais para a composição da imagem do sujeito analisado, pois indicam quais mudanças e quais manutenções de posicionamentos ocorrem, que sentidos são produzidos por esses procedimentos e por meio de quais elementos semióticos se materializam em seu dizer-fazer presidencial.

À guisa de contextualização, o “Brasil de Bolsonaro”, como tem sido chamado, caracteriza-se quase como um mundo à parte, seu universo, com uma lógica alinhada ideologicamente à extrema direita, de um olhar “saudosista” por um Brasil autoritário, ditatorial, torturador e censurador. Os atos do atual presidente revelam seu negacionismo científico, assim como suas falas revelam seus pensamentos retrógrados preconceituosos e discriminatórios (racista, homofóbico, misógino, entre outros). Autodeclarado “cidadão de bem”, “homem de Deus” (evangélico) e “defensor da família tradicional”, sua prática política, mais que conservadora, pauta-se pelo armamento, pela intervenção em praticamente todas as esferas (mídias, polícia federal, empresas como a Petrobrás, ANVISA, MEC, agências de fomento como a CAPES e o CNPq, bancos federais – como a Caixa Econômica e o Banco do Brasil, entre outras) e pelo autoritarismo persecutório, por vezes, associado às milícias e a outras associações ilícitas e corruptas (como células neonazistas, por exemplo). Economicamente, seu governo levou o Brasil de volta ao mapa da miséria e da fome, com altos índices de inflação e perda de efetividade das políticas públicas sociais. Ainda que se pautasse na falácia de um governo ilibado, sua imagem sempre está envolvida em escândalos de corrupção e em ações criminosas. Bolsonaro representa um governo não confiável e contraditório, o que torna relevante a necessidade de análise nos enunciados deste sujeito enquanto presidente da República Federativa do Brasil.

No dia 23 de março de 2020, o sujeito-presidente afirmou que “O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos sim voltar à normalidade” (BOLSONARO, 2020, 00:02:16 – 00:02:23<sup>9</sup>), em oposição às principais orientações dos especialistas em saúde, que estavam em consonância com a preocupação exposta pelo diretor geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), como noticiado por UNA-SUS (2020).

As relações de embate entre enunciados e posicionamentos são refletidas e refratadas nas construções estilísticas de cada produção aqui analisada, materializadas na escolha

---

9 As citações verbivocais foram colhidas das legendas dos vídeos, já que essas também são de responsabilidade da equipe de criação dos vídeos.

dos lexemas, na organização sintática, no modo verbivocal entoativo do sujeito-presidente se expressar e nas configurações visuais, que, unidas, constituem os projetos de dizer-fazer de Bolsonaro nesse cronotopo político-pandêmico, especificamente no âmbito institucional. A Figura 3 ilustra os elementos mencionados:

**Figura 3.** Composição arquitetônica do pronunciamento de 23/03/2020



**Fonte:** Bolsonaro (2020, 00:02:16 - 00:02:18). Elaboração própria

A cena, com as cores, o posicionamento de câmera e a estética facial do enunciador idênticos ao da figura 1, articula-se com o pronunciamento verbivocal concretizado, que produz o sentido de legitimidade para o dizer-fazer. Esse projeto axiológico é elaborado por meio da câmera frontal em primeiro plano (*close-up*), da ausência de maquiagem no rosto, da escolha da cor da vestimenta (terno preto, sóbrio, que remete a uma imagem valorativa de “respeitabilidade” e “neutralidade”, com uma gravata azul escura listrada de amarelo, que remete às cores da bandeira nacional e marca o tom nacionalista ao representante máximo do Estado) e da entonação prosódico-discursiva produzida na composição do pronunciamento. A quantidade de elementos verbivocovisuais explicita a complexidade do enunciado.

A câmera frontal em *close-up*, no primeiro plano, é utilizada, no cinema, para captar emoções dos atores, já que o enquadramento “encara” o sujeito e permite perceber o olhar do personagem, sua respiração, seus movimentos labiais, suas contrações musculares faciais, entre outros elementos usados com determinado acabamento estético.

Além disso, a ausência de maquiagem facial, em certo grau, possível de ser observada em virtude da escolha do posicionamento da câmera, apresenta uma aversão ao modelo televisivo, tido como *establishment*, no qual os personagens são cuidadosamente colocados de forma a manter um dado padrão postural e estético televisivo. Essa ausência também pode semiotizar o sentido de naturalidade e espontaneidade do sujeito, alguém que não se enquadra como outros que seguem um *script* (ainda que sua postura corporal demonstre o contrário, já que se encontra rígido, nitidamente desconfortável e artificial). Essa estratégia pretende construir uma imagem de proximidade entre o governante e o povo, seus “iguais”.

Esse procedimento ocorre desde a sua campanha eleitoral (2017/2018), com diversos casos de produções de sua equipe de imprensa, divulgadas nas redes sociais e mesmo nos jornais *mainstream*. Por exemplo, Bolsonaro em padarias, barraquinhas de rua, no planalto e mesmo em casa, comendo pão com leite condensado, espeto de churrasco e farofa (de maneira desleixada, com muitos farelos e fazendo muita sujeira em volta de si), de chinelo e meia, com camisetas de times de futebol, cabelo desganhado e mesmo quando de terno, sempre “amarrotado” – o que, inclusive, revela o que esse governo pensa, preconceituosamente, sobre quem é o povo (o “homem comum”). Mas esse é outro tema, a ser explorado em outra oportunidade reflexiva.

As duas orações coordenadas direcionadas aos espectadores menos prolixos marcam uma compreensão valorativa de simplicidade acerca desse outro, pois um pronunciamento verbivocal direto, coordenado e simples para um auditório abrangente revela o que o enunciador pensa sobre esse público e explicita sua valoração sobre a identidade do sujeito brasileiro, com quem se deve interagir de modo direto e “fácil”, se se quiser ser compreendido e alcançar seu objetivo – declarado/pronunciado.

Deste modo, nota-se, já de início, que os diferentes elementos sígnicos convergem em diálogo conjunto para a constituição unitária integral do enunciado verbivocovisual, de modo singular e como elo na cadeia multidirecional, sendo que o projeto de dizer governamental se re-vela por e nessa unidade. Assim, os posicionamentos de Bolsonaro se explicitam em seus pronunciamentos, planejados em todas as dimensões que os constituem.

A escolha do modo verbal imperativo em tom vocal de ordem a ser obedecida demarca relações de poder impositivas de Bolsonaro para com a população, outros dirigentes, empresários, enfim, com o país, especialmente tendo em vista a Constituição Federal brasileira e a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal. Este delegou, pouco tempo antes do pronunciamento 1, aos prefeitos e governadores, a tarefa de gerenciar as medidas sanitárias adequadas a cada localidade, em diálogo com os demais poderes.

Ao considerar essa situacionalidade, o pronunciamento 1 se caracteriza como responsivo a outros enunciados (dizer-fazer) institucionais (o da Suprema Corte e, também, os dos governantes estaduais e os dos prefeitos), na tentativa de direcionar um fazer à população: à obediência ao presidente e à desobediência civil aos demais poderes. Afinal, como o próprio enunciador disse diversas vezes, em ocasiões variadas: “Eu mando, porra!”, pois se coloca como “dono” (e não chefe) da nação. Um “líder” autoritário que, segundo suas convicções e posturas discursivas, deve ser seguido, adorado (afinal, é um “Messias”) e obedecido, sem questionamento e com submissão voluntária. Isso fica marcado pela “sugestão” que se institui como ordem (imperativa), para que o Brasil volte à “normalidade” (subentendida como produção econômica), o que revela o posicionamento do governo brasileiro: a economia acima da vida humana.

O enunciado do sujeito-presidente pretende deslegitimar medidas sanitárias, elaboradas por outros órgãos da federação, com base no discurso da ciência (principalmente a medida de isolamento social, o que apareceu quase como uma campanha alavancada por uma espécie de *slogan*/mantra produzido por sua equipe de imprensa: “o Brasil não pode parar”). O aspecto anticientífico do discurso proferido pelo líder máximo da nação é outra questão a ser estudada, mas, para não haver fuga do tema deste artigo e pelo espaço que ele possui, não será tratado aqui, ainda que esse elemento suscite outras respostas ao pronunciamento oficial presidencial<sup>10</sup>.

A opção lexical utilizada no pronunciamento 1, aliada ao modo imperativo, sustenta, ideologicamente, uma concepção neoliberal de sociedade, pois, apesar da crise sanitária, o sujeito-presidente escolhe lexemas como “sustento” e “normalidade”, que integram um campo semântico constitutivo de um horizonte social, o capitalista.

O signo verbal normalidade, como semema, nesse caso, expressa traços valorativos que indicam a manutenção de um funcionamento mercantilista que, apesar da pandemia, do ponto de vista do enunciador no pronunciamento (dizer) em análise, /deve/ (obrigação imperativa) permanecer em plena execução (fazer), sem qualquer alteração (de mesmo *modus operandi* e *vivendi*) – o que coaduna, inclusive, com as posições de tantos empresários neoliberalistas, como Luciano Hang, Wizard, dentre outros.

Essa valoração é entoada de modo exaltado, o que é marcado vocalmente por uma onda sonora prosódica que re-vela o *pathos* emotivo-volitivo do presidente, que tenta demonstrar uma imagem visual segura de sobriedade e racionalidade (*logos*), o que explica a artificialidade da rigidez de sua postura corporal, que revela um sujeito não confortável com a semiotização divergente de seu *ethos*, conforme expressa sua vocalidade. O tom verbivocal utilizado é o elemento que explicita a contradição ambivalente que marca o estilo do dizer-fazer de Bolsonaro (não apenas nesse pronunciamento).

A partir dessa análise do primeiro vídeo, cabe apontar quais mudanças ideológicas ocorreram na produção do segundo, verbivocovisualmente. O primeiro processo de mudança encontrado no pronunciamento oficial do presidente pode ser destacado no segundo vídeo (Fig. 4): “Ao final do ano, teremos alcançado mais de 500 milhões de doses para vacinar toda a população. Muito em breve, retomaremos nossa vida normal” (BOLSONARO, 2021, 00:02:39 – 00:02:48).

---

10 Como as réplicas não são objeto desta investigação, seguem apenas algumas indicações de suas ocorrências, como ilustração da asserção apresentada: ver *G1* (2020) e *Valor Econômico* (2020).

**Figura 4.** Composição arquitetônica do pronunciamento de 23/03/2021



**Fonte:** Bolsonaro (2021, 00: 00:02:39 – 00:02:41). Elaboração própria

As características destacadas em cada figura (1 e 2 – 3 e 4) indiciam mudanças na elaboração verbivocovisual de um pronunciamento para outro. Na mudança da iluminação, o rosto do sujeito-presidente, no pronunciamento 2, fica com uma aparência menos cotidiana, típica de uma estética construída para vídeo. As escolhas de mudança revelam a existência de uma assessoria de produção, ainda que isso tente ser apagado.

A mudança nas cores direciona o olhar do telespectador: o azul vibrante do primeiro vídeo, por exemplo, é substituído por um marrom que, mesmo desfocado, modifica o cenário, apazígua e estabiliza os embates anteriormente realizados.

A quantidade de cortes também participa do processo da construção artificial adequada ao sentido que se pretende produzir, já que o número de cortes cai quase pela metade entre o primeiro e o segundo vídeo (de nove para cinco). Se, em um primeiro momento, essa queda pode representar um trabalho menor de assessoramento, pela análise, percebe-se que se trata de um redirecionamento. No segundo pronunciamento, a opção é a de trabalho com o sujeito (fala, vestimenta, foco etc.), a fim de prepará-lo não apenas para a gravação desse vídeo, mas também para se portar de maneira condizente com a demanda de seu cargo. Porém, no dia a dia, isso não existe, dado que o sujeito não se submete nem se apropria das recomendações da assessoria, que não permanece com ele *full time*. Essa opção suaviza, assim, tanto os novos embates quanto aqueles colocados no primeiro vídeo.

No sistema linguístico, esse pronunciamento é marcado por um processo de modalização. A artificialidade e a modalização são processos constitutivos da alteração discursiva realizada, que tenta estabelecer constância, a fim de transparecer segurança e retidão/permanência do chefe da nação à população (o que aumentaria sua credibilidade perante a população e até diante de outros países).

Além disso, a modificação da iluminação, do foco da câmera, da quantidade de cortes, do cenário ao fundo (marrom amadeirado), em conjunto, compõe o projeto de dizer assumido pelo dirigente do país a partir de 2021 (com vistas à eleição de 2022). Esse

processo discursivo dialoga com o projeto de dizer institucional anterior, pois o reelabora de maneira sutil para não apagar a marca estilística identitária do sujeito-Bolsonaro. Esse processo de reconstrução é suscitado devido às respostas provocadas pelo enunciado de 2020, tanto dos apoiadores quanto dos opositores do governo.

O reflexo e a refração expressos nos pronunciamentos também são marcados na língua em uso (isto é, no verbivocal). O tom imperativo em “devemos sim voltar à normalidade” sofre um processo de modulação (Quadro 1), em virtude do cenário de instabilidade política, de crise institucional, marcado por embates entre representantes do executivo e do judiciário, entre outros conflitos suscitados pelo pronunciamento de 2020.

A não marcação da vírgula na transcrição existente no vídeo oficial apresenta ênfase sonora de destaque responsivo impositivo, já que se trata de um aposto, conforme pode ser observado no apontamento prosódico-discursivo do quadro abaixo.

O tom impositivo e mandatário do primeiro pronunciamento não se repete no segundo, uma vez que, nele, há uma aceleração prosódica constante na pronúncia encadeada das palavras justamente nesse trecho. Isso confirma uma tentativa de impor o posicionamento do sujeito (marcado pelo aposto), assim como, em seguida, um intento de não destacar o segmento subsequente à ordem para que a manutenção de seu posicionamento passe despercebida (rapidamente pronunciada). Conforme a análise, torna-se nítido que esse é um procedimento integrante do projeto de dizer-fazer do sujeito-Bolsonaro, que revela a ambivalência contrária-contraditória de seu discurso e da sua maneira de governar, calcada em constâncias e mudanças/refrações e reflexões sutis e drásticas, a depender da situação de comunicação e decisão.

**Quadro 1.** Semiotização prosódico-discursiva acerca do retorno às atividades

INTENSIDADE	
“Devemos <u>sim</u> voltar à normalidade” (BOLSONARO, 2020, 00:02:16 – 00:02:23)	“Muito em breve, retomaremos <u>nossa vida normal</u> ” (BOLSONARO, 2021, 00:02:39 – 00:02:48)

**Fonte:** Elaboração própria

No contexto de 2021, o sujeito-presidente não é o mesmo sujeito, em termos bakhtinianos, de 2020. Esse processo de reflexo e refração referente ao estado da pandemia associado

à proximidade das eleições (2022) leva a uma mudança sutil em seu dizer-fazer, principalmente, tendo em vista a queda de sua popularidade nas pesquisas<sup>11</sup>.

Após discutir essa primeira mudança, sutil, cabe apontar que a refração drástica é marcada por três temas: 1) divergência entre formas de controle da pandemia; 2) duração da pandemia; e 3) uso de medicamentos. Apesar dos aspectos sobre as modificações explicitados nos vídeos serem os mesmos, a mudança no posicionamento do presidente é constante. Ainda que marcada pela repetição, a intensidade se modifica, o que é revelado na materialidade verbivocovisual do enunciado.

No primeiro caso, em 2020 (Fig. 5), o sujeito-presidente exigiu: “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa” (BOLSONARO, 2020, 00:02:24 – 00:02:38):

**Figura 5.** Ordem para abandonar medidas protetivas de saúde pública



**Fonte:** Bolsonaro (2020, 00:02:24 – 00:02:26). Elaboração própria

Se no caso da mudança sutil, optou-se, no segundo pronunciamento, por uma modalização, com o objetivo de manter no horizonte a ideia de fim da pandemia, nesse caso, o processo de refração é outro, pois, em 2021, o sujeito-presidente afirmou (Fig. 6): “E em nenhum momento o governo deixou de tomar medidas importantes, tanto para combater o coronavírus como para combater o caos na economia, que poderia gerar desemprego e fome” (BOLSONARO, 2021, 00:00:31 – 0 0:00:42):

---

11 Segundo o Datafolha, a rejeição a Bolsonaro tem crescido paulatinamente desde o início da pandemia. Conforme a pesquisa, em 02/04/2019, os que consideraram o desempenho de seu governo ruim ou péssimo foi de 30%; já em 27/04/2020 (um mês após a instauração do estado de pandemia no país), esse índice subiu para 38%; em 11/05/2021 (o Datafolha não divulgou a pesquisa no mês de abril desse mês, por isso, o dado ser o do mês subsequente), sua rejeição aumenta para 44%; chegando ao ápice e nele permanecendo de 13/09/2021 a 13/12/2021, ao alcançar o patamar de 53%. Em 25/05/2022, últimos dados divulgados, o índice de rejeição caiu para 48% (ainda maior que em maio de 2021), devido ao auxílio social por ele concedido (chamado “Auxílio Brasil”), dada a situação de emergência do país, que voltou ao mapa da fome em seu governo, conforme o Datafolha (2022). Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/avaliacao-de-governo/presidente/jair-bolsonaro/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

**Figura 6.** Negação da ordem para abandonar medidas protetivas de saúde pública



**Fonte:** Bolsonaro (2021, 00:00:31 – 00:00:33). Elaboração própria

A estratégia utilizada nessa mudança se caracteriza não por uma reelaboração do pronunciamento anterior, mas por uma negação dele, o que torna o discurso e a postura do sujeito-presidente contraditória e gera insegurança e descredibilidade (tanto da população<sup>12</sup> quanto de investidores e parceiros internacionais, o que aumenta a porcentagem do “Risco Brasil”). Afinal, exigir que determinadas medidas estaduais e municipais sejam cessadas (fato marcado tanto pelo verbo “dever” no imperativo, quanto pelos elementos visuais que constroem o sentido de uma fala “franca”) significa deixar de tomar medidas e negar a pandemia.

Mais do que isso, não é só não tomar medidas em termos gerais, mas também pregar uma inação em outros setores do executivo no combate ao coronavírus, com desprezo à vida humana, em prol da economia (de um grupo específico e não de toda a população, haja vista a crise econômica vivida no país, com alto índice inflacionário e desemprego em massa). Assim, o processo que marca uma mudança drástica se expressa com a negação e a contradição (materializadas nas três dimensões sógnicas).

No segundo caso desse tipo de mudança, o enunciador do pronunciamento afirmou (Fig. 7), em 2020, que “Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein, em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da Cloroquina no tratamento do COVID-19”:

---

12 Segundo o Datafolha, em 2021, semelhante ao momento do pronunciamento 2 aqui analisado, o índice de desconfiança da população com relação às declarações de Bolsonaro atingiu seu índice máximo: 60%. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/avaliacao-de-governo/presidente/jair-bolsonaro/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

**Figura 7.** Defesa da cloroquina



**Fonte:** Bolsonaro (2020, 00:03:38 – 00:03:40). Elaboração própria

Após essa fala, diferentes meios jornalísticos, acadêmicos e científicos se pronunciaram, com explicação sobre a controvérsia relacionada a esse medicamento. Trata-se de um remédio largamente utilizado no tratamento da malária, artrite reumatoide, lúpus e doenças inflamatórias, porém, defendido por poucos, como Didier Raouf, como método de tratamento eficaz também contra a COVID-19, conforme mostra Leme (2020). Apesar de, à época, não haver estudos que comprovassem a ineficácia do medicamento quanto a essa doença, havia variadas críticas ao estudo do microbiologista francês, como aponta Herrmann (2020). A aposta do governo em medicamento de eficácia não comprovada, diante de outras opções, descartadas, aponta para uma gestão negacionista e necropolítica.

Frente as críticas à defesa do governo, que apostou nesse medicamento como “tratamento precoce” contra a COVID-19, em 2021, o sujeito-presidente afirmou em seu segundo pronunciamento (Fig. 8): “Temos mais de 14 milhões de vacinados e mais de 32 milhões de doses de vacina distribuídas para todos os estados da federação, graças às ações que tomamos logo no início da pandemia” (BOLSONARO, 2021, 00:00:49 – 00:01:01):

**Figura 8.** Apagamento da cloroquina



**Fonte:** Bolsonaro (2021, 00:00:49 – 00:00:51). Elaboração própria

Apesar de a negação não ser explícita, ela ainda é drástica, pois a aposta inicial do governo se voltou à eficácia da hidroxicloroquina no combate ao coronavírus. Em momento algum do pronunciamento de 2020, há referência à compra de vacinas.

Aliás, uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado brasileiro, iniciada em 27 de abril de 2021 e concluída no mesmo ano, indica que houve, por parte do governo,

negligência tanto no que se refere à compra de vacinas quanto aos estudos clínicos e ainda à infraestrutura social. Negligência, inclusive, do quadro pandêmico em si, dado o atraso e a falta de planejamento em relação a medidas de segurança, uma vez que a pandemia, antes de se instalar e se intensificar no Brasil, espalhava-se por todo o mundo (Ásia, África, Europa e EUA, por exemplo).

O terceiro e último caso de mudança drástica se volta ao conflito sobre a duração da pandemia. Em 2020, o sujeito-presidente afirmou, conforme mostra a figura 9 e a transcrição aqui feita, que “O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará.” (BOLSONARO, 2020, 00:02:04 – 00:02:10).

**Figura 9.** Certeza sobre o fim da pandemia



**Fonte:** Bolsonaro (2020, 00:02:04 – 00:02:06). Elaboração própria

No entanto, em 2021, a afirmação sofre alteração, tanto no visual (Fig. 10) quanto no verbivocal: “Não sabemos por quanto tempo teremos que enfrentar essa doença, mas a produção nacional vai garantir que possamos vacinar os brasileiros todos os anos, independentemente das variantes que possam surgir”:

**Figura 10.** Incerteza sobre o fim da pandemia



**Fonte:** Bolsonaro (2021, 00:02:03 – 00:02:05). Elaboração própria

A diferença de tom entre os pronunciamentos se revela nas variações tonais que compõem as dimensões dos enunciados. Em ambos os eventos ocorre o processo de legitimação: no primeiro caso, com a construção de um sujeito fora do sistema (sem maquiagem e sem embates explícitos com outros poderes); no segundo, com a produção de seriedade e pretensa confiabilidade (marcada pela cor da gravata, em primeiro plano; e pelo cenário ao fundo, composto pela “sobriedade” “clássica” do marrom, por exemplo).

Não há apenas uma mudança entre /saber/ e /não saber/ sobre o término da pandemia, mas também uma modificação nos atos enunciativos de dizer-fazer do presidente. Afinal, a sua fala já não deixa de levar com conta, em seu fundo perceptivo, o fato de contarmos com milhões de mortes no país, como anteriormente fez, muitas vezes, em atos públicos (com o famoso “E daí?”, “Quer que eu faça o quê?”). Assim, a negação acontece com relação à perspectiva capitalista, que instaurou uma relação falsa no binômio saúde-economia, com a perspectiva anticientífica (contrária às principais Organizações de Saúde, nacionais e internacionais) e com a perspectiva autoritária, que se modifica de um pronunciamento imperativo, requisitante, para um pronunciamento descritivo-explicativo – uma espécie de prestação de contas.

O último dos três tipos de mudança volta-se à referência do Brasil. Em 2020 (Fig. 11), Bolsonaro afirmou, no final de seu pronunciamento: “Deus abençoe nossa Pátria querida” (BOLSONARO, 2020, 00:04:45 – 00:04:48).

**Figura 11.** Manifestação de ideologia cristã



**Fonte:** Bolsonaro (2020, 00:04:45-00:04:47). Elaboração própria

Em 2021 (Fig. 12), o representante máximo do executivo repete essa fórmula conclusiva que marca sua ideologia desde o seu discurso de posse, em 2019: “Deus abençoe o nosso Brasil” (BOLSONARO, 2021, 00:03:08 - 00:03:10).

**Figura 12.** Confirmação de ideologia cristã



**Fonte:** Bolsonaro (2021, 00:03:08-00:03:10). Elaboração própria

Apesar das diferenças sintático-semânticas (BAKHTIN, 2013) significativas entre os referentes “Pátria querida” e “Brasil”, o processo ideológico é o de manutenção, pois a mesma vertente religiosa se encontra presente nos dois pronunciamentos. O elemento novo apenas deslocou a perspectiva e a ação defendida no ano anterior. A constância

do aspecto religioso é relevante, pois foi ele justamente o elemento não criticado pelas mídias.

A separação entre Estado e religião é um dos principais embates iluministas contemplados no artigo 19 da Constituição Federal do Brasil de 1988:

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

II - recusar fé aos documentos públicos;

III - criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si. (BRASIL, 1988).

A separação entre as gestões do Estado e a esfera religiosa também é contemplada por outros países, como aponta Mateo (2011) ao analisar a expressão “Deus abençoe a América” nas relações internacionais norte-americanas. No caso brasileiro, há dois pontos destacáveis: 1) todo indivíduo tem seu direito de crença religiosa resguardado pela constituição; 2) o político, enquanto representante popular, deve agir com base na constituição, legislando em favor da população brasileira, o que inclui também aqueles grupos que não o elegeram. Se esses dois pontos podem parecer práticos e positivos, pois demarcam uma separação (como preconiza Comte), são também motivo de debates no grande tempo da história. Por exemplo, de acordo com a consultora legislativa do senado,

O inciso I do art. 19, ao permitir a cooperação de interesse público entre Igreja e Estado, nos conduz à interpretação de que a participação e a colaboração das organizações religiosas nas discussões em nada desconsidera a laicidade do Estado, antes a reforça. (GANEM, 2013).

De maneira oposta a essa interpretação, Lima (2020, p. 52-53) afirma que:

A proximidade das instituições de Estado com influências religiosas é o principal fator que impede a efetivação de um Estado Laico no Brasil [...] O Presidente da República impõe, sem a menor questão de esconder, suas crenças nos trabalhos conduzidos pelo Poder Executivo. E o pouco que foi conquistado na seara dos direitos da comunidade LGBTQ+ foi mediante 53 judicializações no STF.

De um outro ponto de vista, que dialoga com a primeira autora, Souza e Sturza (2019) defendem um nível de parcimônia entre as duas esferas, em um artigo publicado no XVI Seminário Internacional “Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea”. No entanto, segundo eles, pode-se constatar, sim, uma:

[...] preocupação da influência de valores religiosos no legislativo brasileiro, tendo sido verificado por Gomes, Menezes e outros, que projetos de leis com matérias mais polêmicas estavam sofrendo retrocesso, ou promessa do mesmo, na Câmara Federal, por parte da denominada bancada evangélica. (SOUZA; STURZA, 2019, p. 17).

Os autores defendem que a influência da bancada evangélica é considerável, visto que a união entre evangélicos e católicos, como acontece diante de temas polêmicos (como a legalização do aborto, por exemplo) resulta em 60% das cadeiras na câmara.

Os três posicionamentos, desenvolvidos a partir de uma interpretação da Constituição, resumem divergências relacionadas aos artigos 5 e 19.

A repetição do enunciado “Deus abençoe”, existente nos dois pronunciamentos do sujeito-presidente, implica, sob uma óptica religiosa, nos cuidados com um ser criador, o que revela uma perspectiva criacionista do mundo monoteísta, nesse caso, assentada na matriz judaico-cristã. Na síncrese dessas vertentes (judaísmo e cristianismo), a divindade exige determinados comportamentos a partir de mandamentos rígidos, calcados em punição. A partir dessa dinâmica, uma concepção de “messias”, “pecado” e “pecador” se instaura.

Assim, seja por meio de Moisés, seja por meio de Cristo, há, em ambas as correntes, padrões morais que ditam condutas. Ao que concerne à redundância, do ponto de vista da óptica religiosa, se o criador abençoa a humanidade diariamente (com água, ar, luz etc. – suas criações naturais), não há que se pedir benção. Essa interpretação resultaria no apagamento da expressão “Deus abençoe”, constante nos enunciados do sujeito-presidente, e que é muito importante para criar um cenário em que uma pessoa pode resolver todos os problemas – o messias. Por meio dessas duas doutrinas religiosas, não se trata de um caminho de mão única, pois, ao criador, cabe o provimento dos materiais necessários à sobrevivência da comunidade (plantação, chuva, sol etc.) e, ao indivíduo, cabe seguir os códigos ditados pela divindade, caso contrário, pode perder tais materiais<sup>13</sup>. Além da questão messiânica, a retirada das condições materiais de vida é um exemplo direto do que pode ser retirado, mas o medo causado pela coação (via possibilidade do

---

13 Nessa perspectiva religiosa, isso acontece no caso do dilúvio de Noé e nas 7 pragas do Egito, por exemplo.

inferno, que se refere à exclusão total do mundo abençoado por Deus) é outra forma de exigir que tais comportamentos sejam efetivados.

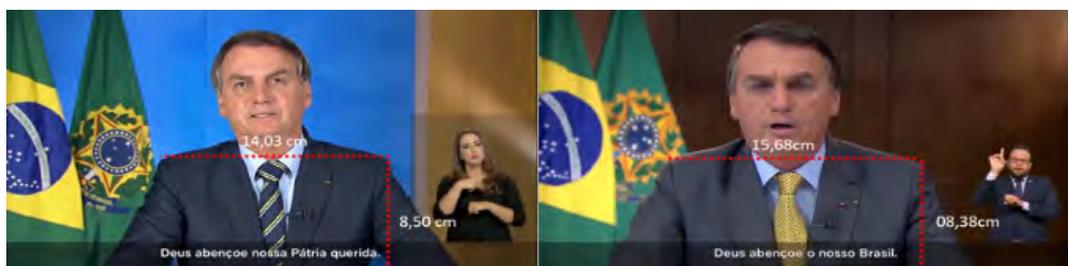
No caso brasileiro, cuja população é plural étnica, sexual, econômica, política, social, cultural, linguística, genérica e religiosamente, os impactos de uma expressão como a analisada são visíveis: se há essa pluralidade, há grandes chances de que um contingente enorme de pessoas não siga os comportamentos requeridos pela doutrina judaico-cristã, que, inclusive, são diferentes de uma para outra, basta retomar o caso do apedrejamento de Maria Madalena, feito com base nas leis de Moisés, evitado por Cristo.

Ao considerar essa heterogeneidade, o enunciado do presidente não se dirige a ou contempla todos os brasileiros, mas aos que considera “maioria” que, na verdade, restringe-se a seus eleitores – isso fica claro desde 2018, como no caso do pronunciamento realizado por ele no final da campanha, gravado em vídeo e com grande circulação, em que, na avenida Paulista, uma semana antes do segundo turno das eleições, Bolsonaro coloca “os brasileiros” de um lado e “os comunistas” de outro, como antagônicos, desconsiderando que brasileiros também possam ser comunistas. Esse sujeito entende, então, por “brasileiros” apenas aqueles alinhados ao seu /querer-dizer-fazer/.

Deste modo, o sujeito-presidente se constitui a partir da parcela da população que o elegeu, uma minoria em 2022 (por volta de 30% da população) que ele entende como e chama de maioria. Essa prática excludente rompe com o inciso terceiro do artigo 19 da Constituição Federal do Brasil de 1988, pois cria distinções entre os indivíduos. Isso torna a governabilidade de Bolsonaro inconstitucional, já que é voltada a apenas uma parcela da sociedade e ainda estimula polarizações expressas pelas mais diversas formas de violência.

A fim de detalhar melhor as mudanças visuais na comparação entre o pronunciamento de 2020 e o de 2021 aqui analisados, a figura 13 demonstra as posturas do presidente e os alinhamentos da câmera em cada enunciado:

**Figura 13.** Postura e crescimento



**Fonte:** Bolsonaro (2020, 00:04:45) **Fonte:** Bolsonaro (2021, 00:03:08).  
Elaboração própria

Devido às mudanças de foco, luz, escolha lexical e modulação tonal, os enunciados não produzem o mesmo sentido. Ao contrário, pois o segundo pretende “apagar” o efeito negativo causado pelo primeiro. A própria postura ativa, imponente, mandatária também varia, conforme é possível ver na figura 13.

A aproximação da câmera, aliada ao melhoramento da imagem do segundo pronunciamento (2021), direciona o olhar e a atenção do telespectador para o discurso emotivo-volitivo de ponderação e razoabilidade do enunciador. Esse discurso é sonoramente composto por um movimento de intensidade e pausa, tônicas e átonas, altos e baixos, agudos e graves que marcam a valoração do que deve ser destacado (como relevante) e do que deve ser amenizado/naturalizado.

Se, no vídeo do ano 2020, a entoação do enunciado segue uma pausa feita após o lexema “Pátria” e é finalizada com uma intensidade decrescente; no vídeo de 2021, a pausa é marcada antes do artigo “o” e o enunciado é finalizado em tom crescente (tônico e agudo) com “nosso Brasil”, o que simula um valor emotivo-volitivo esfuziante, como representado no quadro 2. Neste, as setas indicam a intensidade (ascendente para cima e descendente para baixo), o sublinhado marca as tônicas e o “P” marca a pausa no movimento prosódico-discursivo dos pronunciamentos:

**Quadro 2.** Semiotização prosódico-discursiva de uma expressão entoativa

INTENSIDADE	
<p>“<u>Deus</u> abençoe <u>nossa</u> <u>Pátria</u> <u>querida</u>” (BOLSONARO, 2020)</p>	<p>“<u>Deus</u> abençoe <u>o</u> <u>nosso</u> <u>Brasil</u>” (BOLSONARO, 2021)</p>

**Fonte:** Elaboração própria

Como efeito, o discurso de 2021, que nega parcialmente o discurso anterior, encerra-se com o alçamento do Brasil, seja por meio da vacinação, elemento externo, seja pelo próprio comportamento do sujeito-presidente, menos combativo, aparentemente centrado (elemento interno), mas esfuziante ao final.

A mudança se manifesta nas declarações (/dizer/) e nas ações – anunciadas e não necessariamente realizadas (/fazer/) – e também pela própria enunciação arquitetada por um projeto de dizer que muda, de combativo para moderador, a fim de conseguir a manutenção da popularidade ou angariar novos seguidores/eleitores (sempre, calcado na permanência de um grupo valorativo judaico-cristão).

A expressão “Deus abençoe” não está em desacordo com o projeto de dizer do segundo pronunciamento, pois demarca, no sentido do conceito de enunciado bakhtiniano, o que é possível e o que não é possível ser dito em um pronunciamento oficial em função do projeto de dizer objetivado, haja vista as respostas suscitadas e não suscitadas pela primeira declaração. Além disso, a repetição, entendida como manutenção, também se realiza pela data escolhida, aproximadamente 365 dias após o primeiro pronunciamento.

As mudanças drásticas apontam, inclusive diante dos outros dois processos (alteração sutil e manutenção), que houve planejamento na produção dos vídeos. Em outras palavras, os três processos de reflexo e refração (sutil, drástica e manutenção) indiciam que esse sujeito-presidente está em movimento, em razão de forças centrípetas e centrífugas, em embate em diversas esferas de atividades. Todavia, há um traço específico de manutenção que constitui esse sujeito e sua gestão institucional: o negacionismo da pluralidade religiosa, com a imposição de suas axiologias como “verdades” inquestionáveis e que, portanto, precisam ser obedecidas autoritariamente.

Logo, diferente do negacionismo da ciência e o da política (que ora constitui um inimigo da pátria, ora estabelece alianças e acordos com o “inimigo”, a depender das circunstâncias e dos interesses), o negacionismo à pluralidade religiosa é constante e estimula o posicionamento “messiânico” do sujeito-Bolsonaro, que atua como um Deus-tirano (tal qual o do Antigo Testamento), com mandos e desmandos arbitrários, conforme suas vontades, e acredita que /deva ser/ seguido voluntariamente. Ou, então, quem assim não o faz, é punido (com cortes de investimentos, perseguição, discriminação, facilitação de doenças, que podem levar a mortes e outras formas de violências). Essa é a necropolítica (PAULA; SIANI, 2020) eugenista (PAULA; LOPES, 2020) que sustenta seu projeto de governo, voltado a um único grupo e a uma única voz sociocultural (a sua) em detrimento de outras (o que, como visto, é inconstitucional, ainda que tolerado e aceito pela corte e pela população).

## **Considerações finais**

Com a análise dos dois pronunciamentos selecionados, confirmou-se a hipótese aventada e a premissa da qual se partiu neste artigo. Por meio dos três processos de reflexo e refração identificados, cumpriu-se com o objetivo traçado e compreendeu-se como o projeto de dizer engendrado re-vela uma gestão necropolítica (PAULA; SIANI, 2020), com traços eugenistas (PAULA; LOPES, 2020), marcada pelo não-embasamento e não-incentivo de políticas públicas em estudos científicos (não como um /não-fazer/, mas como um /dizer-fazer/ planejado – um /dizer-fazer/ pela ausência, mais, pela negação que, no caso da pandemia, culmina em mortes de vidas humanas em massa), somado ao fundamentalismo religioso judaico-cristão que prevê uma gestão de vida (“bênção”) para poucos (“os escolhidos”).

A necropolítica eugenista bolsonarista – uma política seletiva, voltada para um grupo “privilegiado” economicamente, entendido como “superior” – aumenta desigualdades sociais<sup>14</sup>, visto que nem todos os brasileiros têm a mesma facilidade de acesso à saúde de qualidade, às mesmas condições de sobrevivência e de educação.

Os resultados da análise realizada apontam para uma oscilação entre repetição/manutenção, mudança sutil e alteração substancial de posicionamento do sujeito-presidente do Brasil, refletida e refratada em três estratégias discursivas verbivocovisuais com relação à pandemia e à política brasileira: 1) o falseamento (de dados, recomendações e práticas); 2) a minimização (da doença e da crise nacional generalizada); e 3) o negacionismo (dos métodos científicos, da pluralidade religiosa e da diversidade política), o que revela o projeto e a prática eugenista conservadora em curso.

No campo bakhtiniano, a concepção tridimensional (verbivocovisual) do enunciado se fez essencial para a análise dos vídeos dos dois pronunciamentos oficiais, pois cores, pausas, escolhas lexicais, entonação e outros elementos participam, em conjunto, do projeto de dizer elaborado pelo político e/ou sua assessoria. Esse último aspecto é fundamental para a análise do processo de reflexo e refração dos signos ideológicos que semiotizaram vozes sociais nos dois enunciados analisados, já que se trata de uma posição no mundo. Afinal, por mais que um dado projeto de dizer não seja adequado a uma sociedade com o objetivo de se tornar mais justa, igualitária e plural, ainda assim representa um posicionamento que não é o de apenas um sujeito. Esse entendimento foi destacado ao se tratar da relação entre sujeito e esferas de atividade, na discussão teórico-metodológica, o que demonstrou a produtividade da proposta bakhtiniana para análise das interações sociais na e pela linguagem na sociedade brasileira atual, com seus discursos sincréticos cada vez mais elaborados.

Além disso, o método dialético-dialógico se mostrou pertinente para a análise, já que possibilitou refletir sobre o movimento (o jogo) responsivo entre enunciados e sujeitos por meio de elementos das três dimensões da linguagem, que constituem a unidade arquitetônica enunciativa e materializam o projeto de dizer do autor-criador, com sua assinatura e valoração emotivo-volitiva sociocultural.

---

14 Para comprovar a afirmação, que pode parecer consensual, pesquisas científicas de diversas áreas (como antropologia, bioética, história, medicina, comunicação, ciência política, psicologia, relações internacionais, políticas públicas, entre outras) demonstram que os impactos da pandemia foram/são (ainda não terminaram) mais acentuados para a população mais vulnerável e para os grupos de risco, de acordo com marcadores sociais diversos (como raça, gênero, classe social, sexualidade, territórios, dinâmica social e econômica, por exemplo), como alerta a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) (MATTA *et al.*, 2021).

Por fim, conclui-se que os elementos verbivocovisuais apresentam especificidades axiológicas na produção dos discursos que integram sua unidade de dizer-fazer. Por isso, esta reflexão, ao utilizar *softwares* para análise de imagens e vídeos junto com concepções do Círculo, contribui para o campo, demonstra a necessidade de mais estudos desse tipo e reforça a relevância social de pesquisas como esta, como forma de compreensão e enfrentamento de uma necropolítica eugenista expressa por diferentes materialidades enunciativas.

## REFERÊNCIAS

ADOBE COLOR. *Color wheel, a color palette generator*. Adobe Inc, 2020. Disponível em: <https://color.adobe.com/pt/create/color-wheel>. Acesso em: 4 nov. 2020.

BAKHTIN, M. *Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. São Paulo: 34, 2018.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, M. *Teoria do Romance I: a Estilística*. São Paulo: 34, 2015.

BAKHTIN, M. *Questões de Estilística no Ensino de Língua*. Rio de Janeiro: 34, 2013.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BOLSONARO, J. M. (Planalto). Pronunciamento do Presidente da República Jair Bolsonaro. (23/03/2021). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=31cSopj8lXI>. Acesso em: 8 set. 2021.

BOLSONARO, J. M. (Planalto). *Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro*. (24/03/2020). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 8 set. 2021.

CANVA COLOR PALETTE GENERATOR. *Canva*. Disponível em: <https://www.canva.com/colors/color-palette-generator/>. Acesso em: 08 set. 2021.

COLORDOT HAIL PIXEL. *Colordot*. Disponível em: <https://color.hailpixel.com/>. Acesso em: 08 set. 2021.

DATAFOLHA. *Avaliação de governo*. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/avaliacao-de-governo/presidente/jair-bolsonaro/>. Acesso em: 15 jul. 2022.

G1. *Bolsonaro pede na TV 'volta à normalidade' e fim do 'confinamento em massa' e diz que meios de comunicação espalharam 'pavor'*. 24/03/2020 - 20h38. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/24/bolsonaro-pede-na-tv-volta-a-normalidade-e-fim-do-confinamento-em-massa.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GANEM, C. M. S. [Princípios e Direitos Fundamentais] *Estado Laico e Direitos Fundamentais*. 14 maio 2013. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/publicacoes/estudos-legislativos/tipos-de-estudos/outras-publicacoes/volume-i-constituicao-de-1988/principios-e-direitos-fundamentais-estado-laico-e-direitos-fundamentais>. Acesso em: 4 set. 2021.

GOETHE, J. W. *Doutrina das Cores*. São Paulo: Nova Alexandria, 2013.

GUIMARÃES, L. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2001.

HAYNES, D. J. *Bakhtin and the visual arts*. Nova Iorque: Cambridge, 2008.

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HERRMANM, A. P. *Cloroquina contra o coronavírus: existe evidência por trás da esperança?* Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-cloroquina-contra-o-coronavirus-existe-evidencia-por-tras-da-esperanca/>. Acesso em: 2 set. 2020.

KANDINSKY, W. *Ponto, Linha, Plano – contribuição para análise dos elementos picturais*. Lisboa: Edições 70, 1970.

LEME, T. Pioneiro no uso de cloroquina contra coronavírus, médico francês é alvo de controvérsia. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/pioneiro-no-uso-de-cloroquina-contra-coronavirus-medico-frances-e-alvo-de-controversia.shtml>. Acesso em: 2 set. 2021.

LIMA, T. D. *Reflexões sobre o Estado laico: a influência dos atores políticos na construção de um Estado Cristão Brasileiro*. 2020. Monografia (Bacharel em Direito) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais (FAJS), Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/prefix/14279/1/Thiago%20Lima%2021602868%281%29.pdf>. Acesso em: 4 set. 2021.

MATEO, L. R. *Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos*. 2011. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98111/mateo\\_lr\\_me\\_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98111/mateo_lr_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 4 set. 2021.

MATTA, G. C *et al. Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Série Informação para ação na COVID-19 – Fiocruz. Scielo Livros, 2021. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/r3hc2>. Acesso em: 8 jul. 2022.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. São Paulo: Contexto, 2012.

MOÇO, P. M. C. *A utilização da cor em campanhas políticas: o caso das eleições autárquicas de 2017 no Montijo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Publicidade e Marketing) – Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social, Lisboa (Portugal), 2019.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EdUSP, 2008.

MURAKAWA, F.; JUBÉ, A.; SCHUCH, M. Valor Econômico. *Bolsonaro ataca governadores e pede 'volta à normalidade'*. 25/03/2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/03/25/bolsonaro-ataca-governadores-e-pede-volta-a-normalidade.ghtml>. Acesso em: 21 ago. 2021.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: STAFUZZA, G. B. (org.). *Slovo*. Curitiba: Appris, 2011. p. 79-98.

PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação – a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDES JR., A.; STAFUZZA, G. B. (org.). *Discursividades Contemporâneas – política, corpo e diálogo*. Série Estudos da Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 287-314.

PAULA, L. de; SERNI, N. M. A vida na arte a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jan./jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.30612/raido.v11i25.6507>. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/6507>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; LOPES, A. C. S. A eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. *Linguasagem*. São Carlos, v. 35, n. 1, p. 35-76, 2020. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/769>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 49, n. 2, p. 706-722, 2020a. DOI: <https://doi.org/10.21165/el.v49i2.2691>. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v33i3p105-134>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos – RevDia*, Cuiabá, v. 8, n. 3, p. 132-151, 2020c. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, Cuiabá, v. 27 n. 49, p. 15-46, 2020d. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. *Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A*, v. 21, n. 13, p. 01-13, 2021a. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS\\_Volume21/E-Journal\\_GJHSS\\_\(A\)\\_Vol\\_21\\_Issue\\_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf). Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. *Letras de Hoje*, v. 56, n. 3, p. 453-464, 2021b. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.42207> Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PAULA, L. de; SIANI, A. C. Uma análise bakhtiniana da necropolítica brasileira em tempos de pandemia. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 475-503, 17 dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i3.1595>. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1595>. Acesso em: 16 mar. 2023.

SOUZA, D. F. de; STURZA, J. M. O estado democrático de direito frente ao processo legislativo brasileiro: os valores religiosos na câmara de deputados do congresso nacional. *Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*, 2019.

UNA-SUL. *Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus: mudança de classificação obriga países a tomarem atitudes preventivas*. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 21 ago. 2021.

VOLOCHÍNOV, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: 34, 2017 [1929].